

ACÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DE 2008



*Alguns homens lutam um dia e são bons,
Outros lutam um ano e são melhores,
Os que lutam vários anos são ótimos.
Mas os que lutam a vida toda...
...esses são imprescindíveis.*

Bertold Brecht

Republica da Guiné-Bissau

Relatório de Actividades da AD

Ano de 2008

A

O CONTEXTO POLITICO

No ano de 2008 assiste-se, pela primeira vez na Guiné-Bissau, a uma abrupta subida do preço dos bens alimentares, em especial do arroz, em que o seu custo passa num curto espaço de tempo do simples ao dobro.

Essencialmente fruto da especulação financeira internacional, que envolveu também o combustível, a situação veio mostrar a fragilidade do país e até que ponto a falta de uma política própria de soberania alimentar pode pôr em causa a segurança de todo um povo. Infelizmente esta sineta de alarme não foi bem analisada pela classe politica dirigente, que optou por ver nela apenas uma consequência do fenómeno da globalização contra a qual, consideram, nada há a fazer.

Deram as mais variadas explicações, todas superficiais, para a crise alimentar, nunca se apontando para a necessidade de se adoptarem medidas e programas nacionais para que o país pudesse passar a ser gradualmente mais *dono* da sua alimentação. A sua falta de compreensão para os desafios alimentares teve a sua expressão mais significativa quando, durante a campanha eleitoral para as legislativas de 2008, quase todos os líderes partidários asseguraram convictamente que iriam resolver a questão da segurança alimentar em apenas um ano.

Mais preocupados com a exploração dos recursos mineiros, particularmente o petróleo, a bauxite e os fosfatos, crêem piamente que o desenvolvimento do país deve assentar nas receitas milagrosas provenientes destas fontes, as quais servirão para *comprar* a nossa segurança alimentar. Ignoram o resultado de todas as experiências no continente africano, onde a forma da sua exploração provocaram uma maior pobreza dos mais pobres e uma maior riqueza dos mais ricos. Isto para não falar nas consequentes convulsões sociais e na degradação do meio ambiente que as acompanham.

A forma clandestina, secreta e maquiavélica como surgem e desaparecem contratos com empresas fantasmas, criadas para o efeito, sem background técnico ou empresarial, provocando prejuízos ambientais como seja o da contaminação e secagem dos lençóis freáticos em Farim ou a ruptura dos corredores de animais selvagens de Dulombi, deixam transparecer a ganância pelo dinheiro sujo e o porquê de não quererem aprofundar a discussão do tema da soberania alimentar, em todas as suas vertentes e opções.

Os mesmos embalam igual e facilmente no canto da sereia dos biocombustíveis, chegando a sonhar com milhares de hectares plantados com purgueira (a famosa e tão na moda *jatropha*), partindo da mesma lógica que os levou, há mais de 20 anos, a apostar na massificação do cajual com as consequências que se conhecem em termos de diminuição da área de cultura das espécies alimentares, em particular do arroz.

A actual queda do preço de combustível a nível internacional, veio pôr em causa o interesse financeiro no incremento da cultura da purgueira, mas a classe dirigente não tirou as devidas ilações. Isto é, e se a Guiné-Bissau tivesse apostado nesse megalómano plano de plantação da purgueira? Estaríamos hoje *pendurados* e sem saber o que fazer à produção desta espécie, com os eternos penalizados do costume: os pequenos agricultores.

Tudo isto mostra até que ponto a (não) política alimentar no país voga ao sabor das conjunturas de ocasião, das especulações internacionais e das ajudas de emergência mendigadas no exterior. Clichés vazios de substância, mas mil vezes repetidos, do tipo “*a agricultura é a base da nossa economia*”, apenas servem para superar remorsos de consciência e esconder a vacuidade de propostas concretas para sermos mais donos da nossa própria alimentação.

Em que espécies e sistemas de cultura priorizar, quando as mudanças climáticas, a falta de mão-de-obra jovem nas zonas rurais e a degradação dos solos de mangal, implicam uma nova aposta? Raízes e tubérculos, outros cereais (sorgo, milho e milheto) ou arroz (de bolanha salgada, doce ou irrigada)? Qual a sua distribuição geográfica em função dos sistemas de produção prevaletentes?

Como pôr à disposição dos pequenos agricultores novas variedades mais agronomicamente mais adaptadas e que satisfaçam as exigências organolépticas dos produtores e consumidores? Qual o papel da pesquisa adaptativa e da produção de sementes? Vão continuar enterradas ou há que ressuscitá-las? Onde ir buscar as inovações técnicas? Que circuitos de comercialização privilegiar para colocar nos grandes centros de consumo urbano, os excedentes de produtos agrícolas como a batata-doce hoje quase toda escoada para o Senegal?

Como apoiar pequenas tecnologias de transformação para que se passe a fazer farinha de mandioca e assim poder-se diversificar o consumo? E o óleo de palma, de qualidade extra na subregião? Vamos continuar a consumir pão fabricado exclusivamente com farinha de trigo importada? Não haverá produtos locais que poderão parcialmente substituí-la?

Afinal, vamos apostar no aumento da produção local de alimentos ou vamos brincar às economias liberais especulativas que procuram a resposta nas políticas dos “custos-benefícios” e que quando dão o estoio, correm atrás dos ricos para que assim continuem e arranjam programas de redução da pobreza, que passam sempre ao lado dos pequenos agricultores?

A maior parte das respostas a estas questões, e são apenas algumas, encontramos-las nos países vizinhos sérios. Basta percebê-las e estudá-las.

B

ASPECTOS MAIS RELEVANTES DE 2008

O ano de 2008 ficou marcado essencialmente por quatro pontos relevantes:

1. Simpósio Internacional de Guiledje

Em termos de eventos organizados pela AD, desde a sua criação, este terá sido certamente aquele que maiores repercussões e impacto teve tanto interna como externamente.

Envolvendo directamente a participação de cerca de meio milhar de pessoas, entre antigos combatentes e militares de um lado e outro, de técnicos e quadros da AD e de outras organizações que se associaram à sua organização como o INEP, a UCB, de vários Ministérios, o Blogue “Luís Graça e Camaradas da Guiné”, a Fundação Mário Soares, o IMVF, grupos de teatro e música, intelectuais e investigadores e outros colaboradores nacionais e estrangeiros, o Simpósio foi um momento único da história recente da Guiné-Bissau.



Lançamento do Simpósio



Festa de Acolhimento



Apresentação do Diorama



Abertura do Simpósio



Exposição Amílcar Cabral

Para ele confluíram memórias históricas e pessoais, reconhecimentos e orgulhos que o tempo apagou, vontades solidárias de um abraço tanto tempo adiado, jovens desejos de conhecimento da sua própria história, procura de antigas referências que fizeram o mundo mudar e sonhos e desafios que poderão contribuir para dar um novo *elan* à Guiné-Bissau.



Acolhimento em Guiledje e num dos Acampamentos da Guerrilha

O Simpósio teve como resultado o facto de ter sido um momento de:

» grande prestígio para a Guiné-Bissau, ao transmitir uma outra imagem que não a da habitual e recorrente instabilidade, mostrando que também é um país de História e Cultura e de acolhimento amigo e tranquilo a todos quantos aportam a estas paragens.

» renascimento da auto-estima dos que lutaram pela independência da Guiné-Bissau, cujo amor próprio estava muito abalado nestes últimos anos e onde a consideração social e mesmo familiar tinham atingido o patamar mais baixo, o que os levou a dizer que o Simpósio *lhes prolongou a vida*.

» promoção de valores de referência em que todos os guineenses se reconhecem e que poderão mobilizar os jovens para a vontade e orgulho de voltarem a ter novos desafios nobres.

» reconhecimento da epopeia heróica de todos aqueles que emprestaram as suas vidas e juventude para a realização de um sonho que ainda persiste e para com todos aqueles que verteram o seu sangue nesta terra, sejam eles guineenses, caboverdianos, cubanos ou portugueses e que hoje a amam tanto ou mais do que muitos que só se amam a si próprios.

» confirmação de que o desenvolvimento é um acto de cultura, antes de ser um empreendimento económico, sendo a convicção do Homem a força motriz para as grandes transformações, o que acabou por levar a um maior interesse pelo resgate da memória colectiva e preservação dos documentos históricos, que agora notoriamente existe no país.

» aumento da simpatia de outros povos, nomeadamente o português pela Guiné-Bissau, subiu claramente com a forma natural e espontânea com que foram recebidos e apreciados, tendo-se traduzido nas inúmeras acções de solidariedade desencadeadas de apoio às comunidades guineenses, em especial aos alunos das escolas.



Algumas intervenções no Simpósio

Com o Simpósio, o prestígio da AD terá atingido o seu ponto mais alto desde a sua criação, tanto a nível da “opinião pública” de Bissau, normalmente muito cáustica, como das comunidades locais com quem trabalha, as quais sentiram o sucesso como seu, os antigos combatentes que passaram a ver a AD como uma organização da qual fazem parte e finalmente os ex-militares portugueses que acreditam que com a AD podem fazer parcerias.

Como efeito directo, poucos meses após o Simpósio, foi criado o Parque Nacional de Cantanhez e o Governo doou à AD o que resta do antigo quartel de Guiledje para a instalação de um núcleo museológico, uma escola de aprendizagem rural, uma unidade de ecoturismo e a sede do Parque Transfronteiriço Guiné-Bissau/Guiné-Conakry.

Igualmente a criação do *Centro de Intercambio Teatral* (CITBissau), encabeçado por “Os Fidalgos”, a construção da *sede* regional dos Combatentes em Farim de Cantanhez e o repovoamento florestal da “*Base Central*” na zona de Daresalam.

Indirectamente, Cantanhez passou quase todas as semanas, a fazer parte do destino turístico de muitos estrangeiros residentes em Bissau e de outros vindos do estrangeiro para passar expressamente o período natalício.

O Simpósio talvez se possa igualmente orgulhar de ter contribuído para a decisão tomada pelo actual Governo em, finalmente, instalar a estátua de Amílcar Cabral na Guiné-Bissau, a qual ocorrerá em 2009.



Visitas a Cantanhez e Guiledje e Convívio em Bissau

Outras actividades estão programadas a curto e médio prazo, como a divulgação nas escolas e agremiações culturais de todas as regiões do país, da exposição “*Amílcar Cabral, a Frente Sul e Guiledje*” da FMS explicada directamente por Combatentes, visando particularmente os jovens que nasceram no pós-independência; a localização de todas as “*barracas*” da luta, na mata de Cantanhez e conseqüente preservação ambiental; a dignificação das *campas* dos combatentes enterrados em Cubucaré, a continuação da recolha em DVD dos *testemunhos* dos combatentes; a produção de um *filme-documentário* do Simpósio; a edição de CD com colectâneas de músicas éticas e da Luta (o estúdio de gravação estará concluído e a funcionar em Junho de 2009); a realização de *debates* de reflexão sobre temas de educação, economia, saúde, agricultura, etc., com o objectivo de aprofundar a unidade dos guineenses à volta dos valores da Luta e do pensamento de Amílcar Cabral; e a publicação das *Actas* do Simpósio.

O sucesso deste evento assentou em aspectos ligados

- à sua *organização*: ter sido preparada com dois anos de antecedência, definidos com o máximo rigor todos os passos e tarefas antes, durante e depois do Simpósio, constituído um reduzido núcleo duro inicial que carregou com a sua organização às costas, para na fase final a abrir a um grande número de protagonistas);

- à sua *preparação temática*: ir alterando os subtemas em função de novas ideias que foram surgindo e fazendo uma boa distribuição de temas e oradores para que todos se sentissem incluídos;

- ao *envolvimento dos protagonistas*: de forma gradual e entusiasta à medida que o evento se aproximava do seu início;

- ao seu *financiamento*: a opção foi a de desenvolver actividades que não exigiam recursos financeiros mas antes a participação das pessoas, por forma a que a sua dinâmica abrisse caminho ao interesse e disponibilidade dos financiadores (Governos guineense e português, União Europeia e IMVF), o qual só se impôs como prioritário seis meses antes da sua realização.

2. Rede Nacional das Rádios Comunitárias (RENARC)

A estratégia de concepção e implementação desta Rede parece estar a colher bons resultados, tanto mais quando se observa o desaparecimento de outras redes que optaram por conceitos mais formais e clássicos de organização.



A RENARC mais do que uma estrutura pesada com sede e meios próprios, é um momento de encontro de ideias, de intercâmbio de conhecimentos, de partilha de experiências, de potenciação das capacidades de cada rádio membro, de promoção de inovações, de capacitação e formação dos radialistas e de defesa dos seus membros perante as eventuais ameaças do poder político.

Outras redes foram surgindo e desaparecendo rapidamente, fruto na maior parte das vezes, do facto de se constituírem como organizações fortes e grandes, sobrepondo-se aos seus membros e acabando por passarem a ser elas próprias o objectivo e não o instrumento para a consolidação dos seus associados. Tudo passa então a estar centralizado nas redes, o esforço de investimento e financiamento é por elas absorvido, penalizando uma maior capacitação e intervenção dos membros que acabam por definharem e desaparecerem. Muitas vezes acaba apenas por sobrar uma Rede...sem associados.

A forma leve e funcional desta rede não dispensa o recurso a formas legais de existência que lhe permitem uma afirmação personalizada junto do Governo e a participação em organizações especializadas internacionais. Em 2008 a RENARC passou a ter existência legal enquanto associação das rádios comunitárias.

É assim que as rádios comunitárias são hoje um instrumento incontornável para a promoção dos direitos ambientais, sociais, políticos e cívicos das comunidades locais onde estão inseridas e cujo reconhecimento é inquestionável tanto por parte do aparelho de Estado como dos parceiros de desenvolvimento da Guiné-Bissau. A elas recorrem com frequência para a divulgação dos seus programas de actividades e acabando por desempenhar um papel muito importante nas campanhas eleitorais.

Se numa fase inicial elas se limitavam a fazer educação cívica e a apelar à participação no voto, estas rádios têm assumido um cada vez maior protagonismo na promoção de debates locais, centrados à volta das questões que preocupam verdadeiramente as comunidades de base e não a de vendedoras de programas partidários, à vontade dos desejos dos candidatos.

Algumas rádios inovam novas abordagens ainda desconhecidas e não praticadas na Guiné-Bissau, divulgando em cima da hora e logo após o encerramento das urnas e respectiva contagem de votos, os resultados obtidos em cada mesa eleitoral, dando a possibilidade aos ouvintes de irem acompanhando a evolução dos resultados. Esta inovação, ainda muito contestada por algumas pessoas, acabará por ser em breve uma prática normal a qual contribuirá para uma maior transparência das eleições, tantas vezes e muito justamente postas em causa.

O que é um facto notável e digno de realce é o do reconhecimento geral da postura de absoluta imparcialidade das rádios comunitárias, não se vendendo a nenhuma força partidária e pautando a sua postura por uma equidistância nunca contestada. Vencida esta barreira e confirmado este crédito de confiança, impõe-se melhorar a capacidade das rádios comunitárias na condução de debates políticos e mesas redondas em que os moderadores saibam orientar melhor as discussões e colocar as questões que mais preocupam as comunidades e não os temas e querelas para onde os políticos desejam arrastar os ouvintes.

Outra inovação promovida pela RENARC é o da colaboração informativa entre as rádios comunitárias de diferentes regiões, que funcionam como seus correspondentes locais, fornecendo notícias dessa região e permitindo aos ouvintes de outra ter conhecimento do que se passa e assim ter uma abordagem nacional, com rapidez, seriedade e a baixo custo financeiro.

Outro impacto desta rede de rádios é o de ter lançado e promovido toda uma nova geração de radialistas que hoje povoam as rádios privadas e estatais, e que com eles levaram uma nova forma de fazer rádio, mais na perspectiva do ouvinte que do poder público. Se antigamente a rádio estatal era uma correia de transmissão de informações e directivas do poder central, hoje ela veicula mais as opiniões dos ouvintes e as críticas que fazem a esse mesmo poder. É igualmente interessante notar que algumas rádios internacionais vão pescar nas rádios comunitárias os seus correspondentes no país, o que é revelador da sua qualidade e competência, fruto da sua experiência e sobretudo das formações especializadas promovidas pela Rede.

Um desafio maior se coloca agora à RENARC. É o da concepção de tipos de programas de vulgarização agrícola e a respectiva capacitação de radialistas, em particular num momento em que as questões de insegurança alimentar e da extrema dependência alimentar que os guineenses têm do estrangeiro, são uma preocupação constante das ONG e Associações de agricultores. A luta pela soberania alimentar será certamente uma das prioridades dos pequenos agricultores familiares e do país, para a qual as rádios comunitárias serão chamadas a intervir de forma determinante na vulgarização de temas e técnicas agrícolas, no debate de opções políticas nacionais e na promoção de um grande diálogo entre os protagonistas.

Igualmente as questões dos cuidados primários de saúde e a luta contra as grandes epidemias como a cólera, que já apresentam um carácter endémico, irão merecer uma participação activa destas rádios no seu combate. Reside aqui o desafio de a RENARC ter de encontrar as melhores fórmulas de fazer passar a mensagem, o novo tipo de programas e a forma de envolvimento das comunidades nestes programas.

Paralelamente, o funcionamento das três televisões comunitárias, em Cantanhez (TVMassar), em S.Domingos (TVBagunda) e em Bissau (TVKlélé), tem vindo a revelar-se como uma iniciativa portadora de grandes potencialidades para a dinamização comunitária, o desenvolvimento agrícola e a promoção de opções políticas nas áreas sociais e económicas.



Num ano de funcionamento, a televisão de Cantanhez marcou diariamente um espaço de:

» *informação*: com a visualização de notícias regionais e a passagem do noticiário da televisão nacional, o que permite às pessoas ter uma visão mais alargada do mundo, equilibrando o local com o nacional e o internacional.

» *cultura e história*: com a edição de reportagens sobre as danças, músicas e manifestações culturais das várias etnias da região, das narrativas históricas dos *homens grande* que resgatam o passado e ajudam a compreender os dias de hoje à luz das tradições e vivências anteriores. Esta componente, de grande impacto nas tabancas, acaba por servir de elo de aproximação étnica, contribuindo para uma maior compreensão recíproca, para a valorização de tudo o que de bom e interessante os outros têm e para favorecer o reforço de uma atitude de tolerância e paz inter-étnica.

» *promoção de direitos sociais e ambientais*: com a difusão de programas de cuidados primários de saúde, de higiene familiar, de medidas preventivas e de combate contra a cólera e de defesa dos recursos florestais e faunísticos.

» *recreação*: com a transmissão em directo de jogos internacionais de futebol e a produção e emissão de vídeo-clips de cantores e artistas nacionais, essencialmente para um público jovem.

Este primeiro ano de funcionamento permitiu identificar os aspectos mais positivos como a criação e capacitação de uma equipa de jovens da região que domina perfeitamente os aspectos técnicos das filmagens e da edição; a operacionalidade da opção pela utilização de postos de televisão colocados nas escolas das tabancas e recorrendo à energia solar; os baixos custos de funcionamento, uma vez que a simplicidade das opções técnicas facilita a sua manutenção e permite que os jovens técnicos locais procedam à sua reparação, bem como o regime de voluntariado com que os quadros trabalham nelas.

Digno de realce, por ser absolutamente inédito e imprevisível, pela primeira vez a televisão nacional estatal manifestou interesse em colaborar com a TVMassar, passando a emitir programas por ela produzidos. Trata-se de uma ocasião de poder passar a marcar, na televisão nacional, as preocupações e posições das comunidades rurais guineenses, até agora completamente ignoradas nas suas emissões e que apenas surgem de fugida aquando das esporádicas visitas dos políticos às regiões.

Os aspectos menos conseguidos prendem-se com a notória dificuldade desta televisão na produção de programas ligados às áreas do desenvolvimento económico (agricultura) e social (saúde), bem como no da realização de debates e mesas redondas.

Já a TVKlelé, funcionando num sistema diferente, isto é, não utilizando ondas hertzianas, teve um progresso notável acabando por passar a desempenhar um activo papel de pivot no incremento das televisões comunitárias guineenses. Pelo facto de ter sido a primeira, a TVK dispõe hoje de recursos humanos com experiência e capacidade para estar a desempenhar um papel de formador dos jovens quadros das outras televisões, de montagem e manutenção dos seus emissores, de produção de vídeo-clips musicais e de reportagens e programas rurais e urbanos.

A produção e venda de filmes para outras organizações e projectos demonstra por um lado a qualidade dos seus serviços, e por outro as possibilidades da sua sustentabilidade financeira. É em colaboração com as outras televisões comunitárias que são montados programas que vão servir depois para o lançamento nas tabancas de processos de restituição de intercâmbios, visitas de estudo e de actividades de projectos.

A TVBagunda vai passar a emitir a partir de Março de 2009 no mesmo sistema da TVM, isto é, através de ondas hertzianas. Para isso, o ano de 2008 foi consagrado ao reforço dos recursos humanos (é o primeiro órgão de comunicação comunitária do país onde o número de raparigas ultrapassa os do sexo masculino) e à instalação de condições para uma emissão que cubra todo o sector de S.Domingos.

3. Rede das Escolas de Verificação Ambiental

Há cerca de dez anos nascia a primeira Escola de Verificação Ambiental (EVA), na tabanca de Suzana. Durante estes anos foram sendo feitos avanços na concepção e prática destas escolas que, embora integradas no sistema de ensino básico unificado nacional (até à 6ª classe), se caracterizam pela sua diferença em relação às escolas normais, baseada em quatro elementos fundamentais:

» a forte **componente ambiental** no ensino, não só através das disciplinas curriculares, como na existência de reservas educativas e de casas do ambiente e cultura;

» a prestação de **serviços à comunidade** onde a EVA está inserida, que tanto pode ir desde a vulgarização de novas variedades de fruteiras e hortícolas à introdução de novas tecnologias de produção solar de sal, realização de cursos de alfabetização para os pais ou de apoio à vacinação.

» o desenvolvimento de uma **atitude activa do aluno** na escola e não o de apenas receptor passivo de conhecimentos.

» o **envolvimento da comunidade** na gestão da escola e na transmissão e aquisição de conhecimentos, participando nas visitas de estudo e intercâmbio.



As EVA são locais em que é ministrado um ensino de excelência, onde os professores dominam conhecimentos sobre ensino ambiental, se promovem práticas amigas do ambiente, se combatem as más práticas como a caça de tartarugas, a poluição das praias, a matança comercial de animais selvagens e o abate irregular das árvores. É igualmente através das EVA que se procura influenciar a mudança de certos comportamentos de saúde (HIV-SIDA, etc.), higiene humana e ambiental, hábitos alimentares, criação de espaços verdes, protecção de corredores de animais, criação de viveiros de fruteiras e plantas silvestres

É na zona norte, no sector de S.Domingos que esta iniciativa está mais desenvolvida e consolidada, envolvendo 11 escolas (9 efectivas), cada uma delas com o seu símbolo emblemático: Suzana (palmeira), Iale (tartaruga), Elia (manatim), Cubampor (hipopótamo), Nhambalan (arroz), Edjim (golfinho), Elala (camarão), Djufunco (vaca), Tenhate e mais as de Budjim e Quinhicam, enquanto ainda escolas candidatas.

Iniciou-se este ano um processo inovador de identificação da percepção que os alunos destas escolas têm do que é para eles o “ambiente”, utilizando-se como metodologia os 4 seguintes passos:

- itinerário em grupo nas suas tabancas e arredores com discussão e partilha das suas observações;

- identificados alguns aspectos ambientais, os alunos voltam a percorrer esses locais de forma mais detalhada;

- regressados às salas de aula, os alunos são estimulados a colocar questões aos professores, pais e membros da comunidade;

- é então que são escolhidos, por votação, os aspectos ambientais mais importantes, sendo que quatro deles devem ser os que merecem ser preservados e dois deles os que devem ser melhorados ou transformados.

Assim, para cada EVA estabelecem-se as prioridades de acção em função das diferentes visões em presença: as dos alunos, a dos professores e as dos pais e encarregados de educação. Evita-se desta forma que prevaleça a da ONG que apoia e que, mesmo inadvertidamente, tem a tendência para fazer prevalecer as suas preocupações em detrimento das das EVA.



A visão dos alunos das EVA sobre o Ambiente

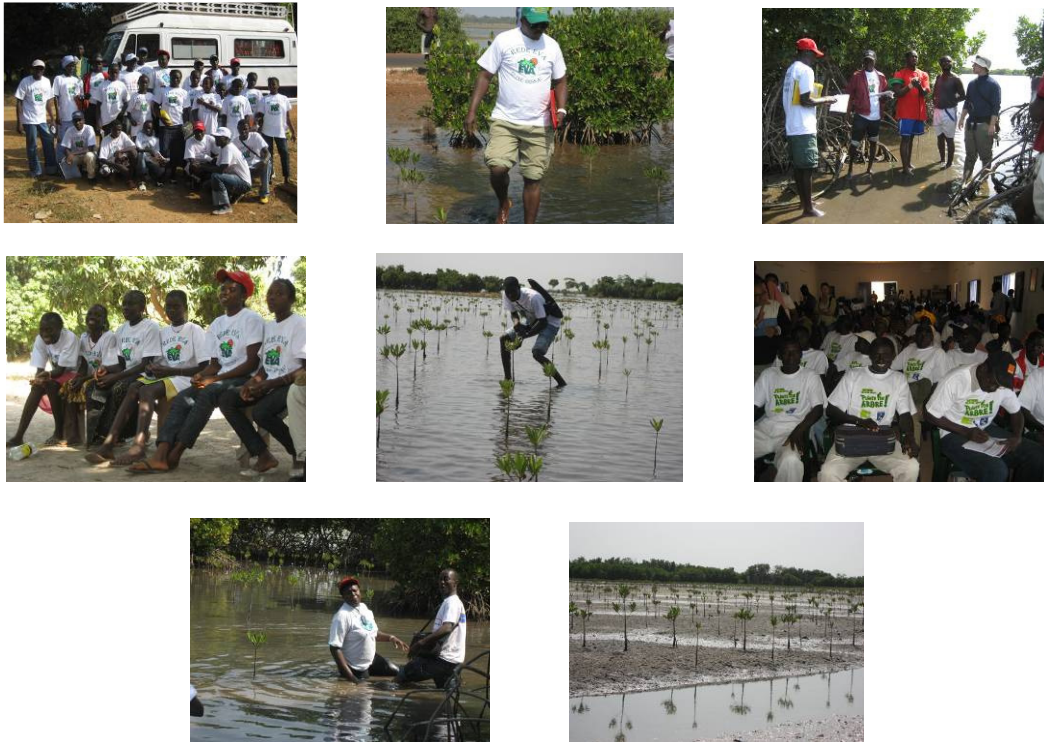
Iniciativas interessantes foram desenvolvidas em várias EVA como a da criação de viveiros de fruteiras que foram utilizadas pelos pais no reforço dos seus pomares, na criação de sebes vivas com plantas de crescimento rápido (leucaena) que podem também servir como fonte de lenha e carvão, implantação de jardins hortícolas, pátios arborizados com citrinos de diversas espécies (laranjeiras, limeiras, toranjeiras e tangerineiras), museus ambientais com ossadas de cachalote e golfinho e carapaças de tartaruga, colecções de plantas medicinais. As EVA de Iale, Suzana, Cubampor e Nhambalan são as maiores referências deste processo.

Já no sul, em Cantanhez, o processo ainda vai no seu início atingindo 13 escolas, mas onde a formação de professores e a constituição de um núcleo duro de dinamização apenas está no início. Noutros pontos do país, em particular nas ilhas de Orango, Bubaque e Bolama, iniciativas antigas esperam por um reforço e redinamização.

Daí que a criação da Rede das EVA tenha surgido em 2008 como uma necessidade para se promover uma *visão ambiental* do ensino nacional e dos cuidados primários ambientais, a criação de uma *linguagem comum* em termos de objectivos, métodos de ensino e de *envolvimento das comunidades*, o estabelecimento de *pontes e contactos* entre as EVA, a organização de *encontros temáticos* regionais ou nacionais, a promoção de *intercâmbios* entre professores, alunos, pais e encarregados, autoridades tradicionais das diferentes EVA, a criação de um grupo de *formadores de formadores* ambientais, a realização de cursos de *formação de professores* em temas específicos (ambiente, saúde, agricultura, informática e eco-pedagogia), definição de *critérios* para se ser uma escola EVA, o estabelecimento de *contactos* com o Ministério da Educação e autoridades locais, a organização de *documentação* sobre o ensino ambiental e experiências de outros países, a elaboração de um *repertório* das EVA e a promoção da sua *imagem* externa.

Esta Rede propõe-se também passar a editar um *jornal* nacional das EVA, organizar de dois em dois anos um *Acampamento Nacional EVA*, *competições* individuais dentro das escolas e colectivas entre as EVA e pontualmente *férias* agrícolas.

O maior sucesso desta Rede foi a visita de intercâmbio, em 2008, de 30 pessoas ligadas às EVA (alunos, professores, pais e técnicos da AD) à Casamança, para estudar a experiência das comunidades locais no repovoamento da vegetação de mangal. O filme produzido pelas televisões comunitárias Bagunda e Klélé e que serve de base para a restituição às comunidades dos seus resultados, é disso uma evidência. Permitiu identificar pontos de cooperação comuns como a troca de sementes de palmeira de óleo e de cibes para futuros repovoamentos florestais, formas de sensibilização e animação comunitária baseadas no áudio-visual e combate aos madeireiros clandestinos que actuam na zona.



Visita de estudo da Rede EVA à Casamança

Estímulos recentes para o incremento desta iniciativa têm-nos chegado de vários programas ambientais da subregião, que vêm nesta metodologia um novo caminho para a apropriação, por parte das comunidades rurais, da gestão dos recursos naturais. Impõe-se agora sensibilizar igualmente os responsáveis governamentais pelo ensino, para este tipo de escolas e métodos de ensino.

4. Incremento do Ecoturismo em Cantanhez

O ano de 2008 pode ser considerado o ANO 1 do Ecoturismo na Guiné-Bissau, por aquilo que Cantanhez realizou e propiciou aos numerosos turistas que demandaram aquelas paragens à procura das suas belezas naturais, de uma floresta densa e magnífica, dos animais selvagens que tranquilamente lá habitam, pela diversidade das culturas e manifestações tradicionais étnicas, pela história que surge a cada canto e que a recorda como o berço da nacionalidade e os extraordinários percursos turísticos terrestres e marítimos.

O grande esforço que vinha sendo feito desde há cerca de 3 anos, possibilitou o surgimento de um primeiro núcleo de serviços baseado em leंबरém e que dispõe de um conjunto de bungalós e habitações que permitem acolher simultaneamente 18 turistas, com um serviço particular de restauração. Está praticamente concluída a construção de 3 outros bungalós na tabanca de Faro Sadjuma, a 20 km de leंबरém, geridos pela comunidade local e que disporão de água corrente e energia solar fotovoltaica, e onde os turistas terão acesso a uma alimentação tipicamente tradicional, enquanto apreciam as riquezas de uma agricultura moderna baseada na diversidade de frutas (ananás, abacate, mandarinas, laranjas, papaias e mango).

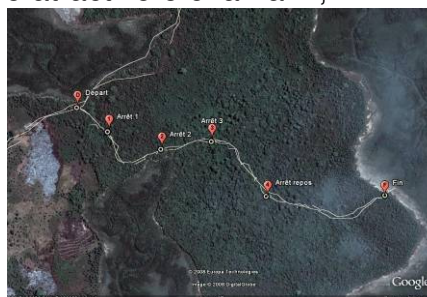
Para além das infra-estruturas já construídas,

» constituiu-se e capacitou-se um núcleo de 14 guias ecoturísticos que acompanham os visitantes nas 14 matas que compõem a Floresta de Cantanhez;

» foram identificados vários itinerários onde a fauna selvagem, com particular relevo para os chimpanzés, a flora de Amindara e os percursos marinhos até ao Ilhéu de Melo, são um grande atractivo e chamariz;



Mato de Canamine



Mato de Cambeque

» um pequeno núcleo de jovens foi formado em escultura de madeira para a reprodução de peças de arte nalú e que são comercializadas no local;

» apoiaram-se fruticultores e horticultoras que fornecerão frutos e legumes frescos para os diferentes “restaurantes” que já existem (Faro Sadjuma e Canamine) ou que serão implantados (Cambeque e Ilhéu de Melo) em vários pontos de interesse turístico;

» incentivaram-se actividades femininas lucrativas, ainda embrionárias, de fabrico de cestaria (Farim), compotas e tinturaria (leंबरém);

» produziu-se material de sensibilização turística (cartazes, autocolantes, desdobráveis, t-shirts, bonés e porta-chaves)

Está em curso um programa para 2009 que vai passar pela implantação de um restaurante, melhoramento da Casa do ambiente e Cultura e um camping em leंबरém, a construção de dois bungalós (Canamine e Ilhéu de Melo) e a edificação de um novo núcleo turístico no antigo quartel de Guiledje. Iniciou-se um programa de edição de brochuras que compreende o Atlas Florístico, a Fauna Selvagem e o Povoamento de Cantanhez.

Paralelamente, a comunidade tem beneficiado de um apoio para a recuperação de bolanhas abandonadas, para fazer diminuir a pressão sobre a floresta e centrar neste sistema de cultura a principal fonte de recursos alimentares; fornecimento de pequenas unidades de transformação de produtos agrícolas

como o óleo de palma, a farinha de mandioca e o arroz; a construção de poços de água para abastecimento doméstico e agrícola; a edificação de 13 escolas do ensino básico.



É do conjunto destas iniciativas que se tem vindo a construir uma dinâmica de apropriação por parte das comunidades locais de programas ambientais que se conjuguem afirmativamente com as actividades de desenvolvimento e não por oposição entre eles. Apesar desta metodologia apresentar evidentes resultados positivos, há quem prefira outros caminhos, mais clássicos e estereotipados, onde, a coberto de clichés muito “*participativos*” se escondem preocupações dirigistas à procura da legitimação das suas prioridades e teses, e não em perceber as lógicas e conceitos de quem tem da vida uma percepção global e não compartimentada.

A dinâmica de evolução e progresso não se faz à partida, mas é fruto de um questionamento permanente e da procura crítica dos melhores caminhos, os quais não são definidos nem no início, nem baseados em estatísticas e quadros lógicos mecânicos, mas numa pesquisa permanente e conjunta, grande parte das vezes informal e por isso mais difícil e exigente, entre os protagonistas da acção. Porque o não compreendem, ouvimos a muitos dizerem autênticas barbaridades e postularem sentenças.

O que é um facto é que, a apropriação gradual que as pessoas e colectividades têm feito das iniciativas, aí estão para provar que o desenvolvimento é um longo percurso que nunca acaba e que dispensa de bom grado os palpites dos passageiros de ocasião, daqueles que *quando o dedo aponta a lua, olham para o dedo*.

C

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS

A Escola de Artes e Ofícios de Quelelé (EAO) tem como desafio tentar contribuir para corrigir as assimetrias sociais na Guiné-Bissau, reduzindo o desemprego pela criação de mecanismos de inclusão social através de um programa de formação profissional de jovens, que prevê não somente a vertente formação e capacitação, mas também a promoção de emprego via empreendedorismo.

Em 2008, o programa de actividades ficou marcado pela realização de *cursos* profissionalizantes, construção de uma nova infra-estrutura que abrigou o centro de formação profissional em *Hoteleria* e envolvimento e participação da EAO em *projectos formativos* de desenvolvimento com outros parceiros nacionais e estrangeiros.

Foram introduzidas alterações, fruto de uma análise crítica dos procedimentos pedagógicos dos anos anteriores:

» no curso de **electrónica** passou-se a efectuar uma *avaliação formativa* intercalar em vez da que era realizada apenas no final, bem como foi alterada a forma da *avaliação somativa* em que os testes escritos passaram a ter um peso menor (70%) contra os anteriores 100%, e em que 20% são para os trabalhos práticos de laboratório e 10% para a participação. Esta medida permitiu compreender melhor as dificuldades de aprendizagem dos alunos e a forma de superá-las, assim como estimulou mais a participação e o envolvimento dos formandos nas aulas. De 2007 a 2008 verificou-se um aumento de formandos que passou de 20 para **43** alunos, bem como uma redução da taxa de desistências de 39% para 14%. O curso tem uma carga horária de 256 horas distribuídas por 9 meses. Após o tronco comum de electrónica, realizaram-se 2 cursos de especialização em hardware (100 horas) para 52 estagiários, todos do sexo masculino.

» o curso de **instalações eléctricas**, que veio substituir o anterior curso de electricidade, aumentando a ligação entre as aulas teóricas e práticas, reduzindo a carga horária de 340 para 140 horas e fornecendo manuais mais actualizados e perceptíveis. Realizaram-se 2 cursos em 2008 para **29** alunos.

» no curso de **auxiliares de educadoras de infância**, foram introduzidas as disciplinas de “linguagem” e “iniciação à matemática” enquanto complemento da disciplina de psicologia do desenvolvimento; foi implementado um sistema de estágio organizado e acompanhado, com a duração de 160 horas, o que possibilitou o aprofundamento de temas mais práticos ligados à oralidade, ao vocabulário e às actividades ligadas a conceitos matemáticos. Os estágios permitiram aumentar o grau de autonomia dos formandos, assim como a capacidade de encontrar soluções aos problemas encontrados nos jardins. Para a EAO eles serviram para melhor aferir das dificuldades dos formandos, reformular os programas e criar um nível mais elementar (monitores de educação). Este curso passou a ter 3 níveis:

O **nível 1**, com uma carga horária de 112 horas, é o mais elementar, formando **monitoras de infância**, onde se incide fortemente no método demonstrativo e activo do *fazer*, com menor ênfase no método expositivo. Em 2008 foram realizados 2 cursos, um com 74 inscritos (5 meses) e outro com 64 (3,3 meses), o que totalizou **138** participantes todos do sexo feminino.

O **nível 2**, com uma carga horária de 676 horas, formou **auxiliares de educadoras de infância**, com maiores competências profissionais e podendo, com alguma autonomia, preparar e conduzir aulas sozinha, elaborando planos de aula, identificando atrasos no desenvolvimento linguístico, intelectual, físico e sócio-afectivo das crianças, assim como promover actividades e jogos que

estimulem esses atrasos. Em 2008, foi realizado 1 curso que terminará em Março de 2010, com a participação de **17** formandas.

O **nível 3**, que está em fase de concepção, formará **educadoras de infância**, prevendo-se que comece em Abril de 2010.

» no curso de **informática**, o aumento das propinas de 30.000 para 40.000 CFA, o pagamento numa única prestação e a maior oferta actual do “mercado da informática”, provocaram uma redução drástica de 57% do número de formandos em 2008 (495 em 2007 para 280), o que equivaleu a uma perda de receita na ordem dos 8.600.000 CFA. A frequência de raparigas cresceu de 44% para 57%, em relação aos rapazes. Por outro lado a taxa de desistência diminuiu de 16% para 3%.

» o curso de **artes domésticas** acolheu **43** formandos distribuídos por 2 turmas, com uma carga horária de 100 horas incluindo os módulos de higiene, saúde e nutrição (16 horas); etiqueta, boas maneiras e técnicas de culinária (84 horas). Registaram-se apenas 4 desistências. A falta de instalações apropriadas para a realização deste curso, penalizou os seus resultados.



Curso de Artes Domésticas

Para além dos seus próprios cursos, a EAO passou a vender cursos para organizações parceiras ou interessadas na qualidade e experiência de trabalho da AD.

- a) Curso de “**Mães Enquadradoras**”: a pedido da Plan Internacional foi realizado um programa de formação para agentes locais que intervêm na educação de crianças em idade pré-escolar no leste do país, em jardins-de-infância comunitários. Sedeados em 6 tabancas, um em cada sector administrativo da região de Bafatá, nela trabalham *mães enquadradoras* que são pessoas da comunidade sem qualquer formação inicial. Este curso que foi co-financiado pela Plan e pelo MTSS, teve como objectivos ajudar as mães a organizar uma sala de actividades de um jardim, a planificar rotinas, elaborar cartazes, confeccionar livros de leitura de imagens, preencher fichas de identificação das crianças e explorar os cantinhos de uma sala de actividades.
- b) Para o projecto “**Nô na Tissi nô futuro**”, a EAO começou a capacitar 11 organizações nacionais em vários domínios de desenvolvimento relacionados com o reforço de capacidades, técnicas e metodologias.
- c) Com o projecto “**Procivicus**” estabeleceu-se uma parceria com o objectivo de capacitar e reforçar as organizações e associações de base.

A construção do **Centro de Formação de Hotelaria** foi um desafio vencido com sucesso em 2008 e que vai permitir à AD, através da EAO, capacitar jovens que responderão à falta de quadros qualificados para o incremento do turismo na Guiné-Bissau. As suas instalações foram concebidas para que os formandos possam não só adquirir conhecimentos teóricos, como praticarem e desenvolverem competências diversas nas áreas da hotelaria, restauração e turismo.



Instalações do Centro de Formação de Hotelaria

O Centro formará igualmente pessoas na área das **Artes Domésticas** para terem competências para gerir e organizar uma casa particular, nos aspectos de higiene de alimentos, electrodomésticos e mobiliário, arrumação e decoração dos espaços, economia doméstica elementar, técnicas básicas de pôr e tirar uma mesa e de culinária. Esta infra-estrutura dispõe de uma área para o funcionamento da componente teórica dos cursos (1 sala com capacidade para 17 alunos) e outra para a parte prática (3 quartos de dormir, 1 sala de trabalho, 1 cozinha e 2 casas de banho para o público).

Para recuperar parte dos custos de funcionamento e manutenção, a EAO tem alugado as suas instalações a várias ONG, empresas e associações de base.

Para **2009** a EAO considera como prioritário:

- » estabelecer uma política de *aproximação e de acompanhamento* dos formandos, criando um banco de dados (o que fazem, se estão empregados, onde e funções desempenhadas)

- » definir mecanismos e estratégias de *apoio ao auto-emprego* dos seus formandos, através de fundos rotativos para *kits* de trabalho, que poderia passar pela criação de uma associação de ex-alunos da EAO.

- » introduzir as especializações de *“instalação e manutenção de painéis solares”* e *“frio”* para a reparação de frigoríficos e aparelhos de ar condicionado”, como complemento do curso de instalações eléctricas.

- » desenvolver um programa de *aproximação* entre os jardins-de-infância e a família.

- » organizar a prestação de serviços de *aluguer de quartos* no quadro dos cursos do Centro de Formação de Hotelaria.

D

Os Programas Regionais da AD

Em 2008, prosseguiram os programas regionais que a AD vem incrementando nas suas 3 zonas de intervenção, Cubucaré-S.Domingos-Quelele, sendo de salientar as acções mais relevantes.

1 - Programa de Apoio aos Agrupamentos do Norte (PAN)

a) Centro de Formação Rural de S.Domingos (CENFOR)



O CENFOR passou em 2008 a centralizar todas as actividades de formação e de ensino do PAN:

- » apoio à ludoteca das crianças afilhadas de Elx
- » organização de 3 círculos de alfabetização pelo método Alfa-tv em S.Domingos e Nhambalan
- » coordenação e dinamização das actividades das Escolas de Verificação Ambiental
- » organização de cursos profissionais de serralharia, carpintaria e informática para jovens de toda a zona
- » realização de cursos comunitários de tinturaria, fabrico de sabão e corte e costura
- » enquadramento de visitas de intercâmbio de escolas, mulheres e agricultores ao Senegal (Casamança)
- » fabrico de carroças de burro, prensas de óleo, *pousse-pousse*, mobiliário escolar e doméstico em madeira e metal
- » apoio na construção de infra-estruturas sociais e escolares, como o hangar multiusos do CENFOR e mercado comunitário.



Ludoteca



Alfabetização



b) Segurança Alimentar

» a preparação do programa da campanha agrícola principal (época das chuvas) mereceu um enorme esforço para responder às necessidades decorrentes do péssimo ano agrícola de 2007 e que se traduziram pela multiplicação de numerosas zonas alimentariamente deficitárias, especialmente em todo o litoral do sector de S.Domingos. O apoio aos pequenos agricultores familiares incidiu especialmente no:

- fornecimento de sementes de arroz (7 toneladas), mancarra (1 t), feijão mancanha (100 kg), sorgo (150 Kg) e propágulos de batata-doce (50 sacas) e mandioca (1 t de estacas).
- distribuição de 27 kg de sementes hortícolas por 80 associações de base.
- recuperação de bolanhas em 12 tabancas do sector de Bigene, incluindo a construção de 890 metros de diques anti-sal.

» foram instaladas 4 descascadoras de arroz e 5 prensas de óleo de palma, fornecidas 5 carroças de tracção animal, 5 kits de ferreiro e construídos 5 poços.

» iniciou-se um programa de apoio ao combate às doenças dos animais do sector de S.Domingos, tendo-se considerado 4 zonas de intervenção: Varela (bovinos), S.Domingos (caprinos e suínos), Ingoré (bovinos e ovinos) e Bigene (bovinos e ovinos). O objectivo principal foi o de combater a peste dos pequenos ruminantes e o carbúnculo sintomático. Paralelamente foram identificados e formados 2 jovens para-veterinários que poderão continuar a assegurar os tratamentos após a supervisão do veterinário senegalês contratado para o efeito.



Distribuição de Sementes



Descascadora de Quinhicam



Paraveterinários



Fogões Melhorados

c) Outras Actividades

» iniciada a construção de um grande **mercado comunitário** em S.Domingos, o maior de toda a linha da fronteira com o Senegal (56 cacifos) e um hangar central de 625 m²), o qual ajudará a diminuir a fraqueza dos circuitos comerciais internos e que vai potenciar a produção agrícola da região. A sua construção ficará concluída em Março de 2009

» feita a reparação da Escola de Verificação Ambiental de **Djufunco**, que teve de ser novamente coberta devido à tempestade ocorrida durante a época das chuvas.

» feitos 3 **furos** de água para abastecimento da EVA de Iale, do lumu de Elia e do mercado de S.Domingos

» concluída a construção do edifício da **Rádio** Comunitária Balafon de Ingoré que passou a funcionar em pleno

» duas equipas médicas espanholas, uma de **oftalmologia** (Ong Anawin) e outra **dentária** (Ong Kasumai), realizaram numerosas operações às cataratas e tracomas, assim como de higiene dentária

2 – Desenvolvimento Urbano de Quelele

O apoio à Associação de Moradores do bairro de Quelele incidiu especialmente através da dinâmica do programa Procivicus, que congrega igualmente as Ong ADIM, NIMBA e Aifa Palop, de incremento e consolidação do movimento das associações de moradores dos bairros da cidade de Bissau.

Uma primeira conferência destas associações foi realizada em Setembro, tendo como lema “Cidade limpa, segura e organizada”, envolvendo 12 das 14 associações existentes nos 48 bairros da cidade e onde se abordaram questões relacionadas com o saneamento básico, a ocupação de espaços e os mecanismos de parceria entre as associações e entre estas e a câmara municipal.

Pela sua experiência, capacidade e dinamismo, a Associação de Quelélé desempenhou um papel de anfitrião e de referência em relação à abordagem dos temas em discussão, tendo-se decidido dar início à criação de uma rede que possa dar maior protagonismo a estas associações de base na definição de políticas municipais.

Como consequência imediata, a Associação de Quelélé decidiu organizar com muita antecipação, um programa de prevenção, combate e seguimento à eventual epidemia de cólera que ocorre normalmente na época das chuvas, o qual irá passar por um plano de remoção do lixo, conselhos via rádio e televisão comunitárias de higiene pessoal, doméstica e pública, criação de um sistema de alerta rápido, identificação de todos os poços e pontos de água do bairro, formação de brigadas de tratamento e desinfecção dessa água, criação de condições para o acolhimento de doentes no centro de saúde de Quelele e ligação técnica com o Ministério da Saúde.

Outra das actividades de 2008 foi a do início da construção de um Estúdio de Gravação Áudio, destinado a apoiar os jovens músicos descobertos pelas rádios comunitárias do país integradas na Renarc, como estímulo para a revelação e promoção de novos valores e difusão cultural. A gravação de músicas tradicionais e de carácter étnico é outro dos objectivos deste Estúdio, estando prevista a produção de DVD para o caso de excelentes obras musicais, como será o caso de “Os Fidalgos” que começaram já a preparar o seu primeiro DVD. O final da construção e a montagem do equipamento de som está prevista para o mês de Junho de 2009.

3 - Programa Integrado de Cubucaré (PIC)

a) Segurança alimentar

Continuou a ser o programa de maior importância da AD no sul do país, tendo-se o apoio concentrado nos sectores de Cubucaré e de Quitafine:

» foram reabilitadas ***bolanhas salgadas*** de 7 tabancas representando 152 ha incluindo o fornecimento de 77 tubos de drenagem, a reconstrução de 4.312 metros de diques e 2.444 metros de canais.

» 2 tabancas foram apoiadas para o aproveitamento de **pequenos vales** interiores num total de 21 ha, através da construção de 923 m de diques de controlo de água. Estas bolanhas doces destinam-se à cultura de arroz na época das chuvas, batata-doce e hortícolas na época seca.

» apoiaram-se 12 **fruticultores** para a melhoria dos seus pomares, através do fornecimento de sacos de viveiro, navalhas de enxertia, tesouras e serras de poda.

» foram distribuídas **sementes** de arroz (1 tonelada), feijão-macanha (265 kg) e mancarra (800 kg) em 10 tabancas

» foram distribuídas 51 kg de sementes de **legumes** de cebola, pimento, alface, beringela, tomate, couve, repolho, cenoura, entre outras

» introduziram-se 4 **descascadoras** de arroz e 2 unidades de fabrico de farinha de **mandioca**



Recuperação de Bolanhas Salgadas



Descascadora de Arroz

b) Outras Actividades

» conclusão da construção das **Escolas** de Verificação Ambiental de Gã-Mela, Afia e Botchcul

» foram construídos 9 **poços** de água destinados ao consumo doméstico e para rega de pequenos jardins hortícolas

» iniciou-se a construção de 2 **lumus**, sendo um em Cabante e outro no cruzamento Bedanda-Cabedú.

E

TURISMO “CIENTÍFICO”

Em dois anos, a zona de intervenção do programa de Ecoturismo de Cantanhez viu chegar, de repente, bandos de *meninos travestidos de doutores comandados por doutores travestidos de meninos*. Sob pretexto de virem estudar a gestão dos recursos naturais assistiu-se, pela primeira vez, a um enorme corrupio de um novo tipo de turistas: os ecoturistas “científicos”.

A maior parte deles imberbes e petulantes, vêm à descoberta daquilo que julgam ser a África selvagem, entusiasmados pelas descrições do tipo do *Silva das Selvas*, onde a cada esquina se esconde um tenebroso perigo, um som, uma sombra de um animal inidentificável ou a imagem fugidia de um espírito da floresta. Tudo isto relatado na primeira pessoa, nas suas crónicas e narrativas, a que pomposamente apelidam de teses de mestrado e doutoramento.

Bastam duas a três semanas a passear nas tabancas, a realizar questionários expeditos e a aborrecer a molécula aos seus habitantes, para passarem a dominar e compreender os conceitos de vida dos africanos e a perorar de cátedra para os incrédulos orientadores que da realidade apenas conhecem o que leram de raspão em alfarrábios de outros que os precederam.

Reproduzem e duplicam ideias feitas que a outros, com o mesmo nível de conhecimentos, ouviram e a quem apelidam reverencialmente de *especialistas* só porque os precederam e explicam com sorrisos e risos de menoridade a *complexidade* africana.

Vêm em bandos com pés de veludo e assim com a mesma rapidez como aparecem, volatilizam-se, nada deixando de útil para as comunidades, para os programas locais de desenvolvimento, para o país. Verdade seja dita que não é nem nunca foi esse o seu objectivo, mas apenas o de produzir "*papers*" com que se passeiam em conferências domésticas a enganar papalvos ou para fazer arredondar os seus pobres e menores currículos.

Incapazes de se integrarem e entenderem os que por cá vivem e trabalham, apelidam os seus ajudantes de "tradutores-traidores" como forma de justificarem a aberração das conclusões a que chegam e dos dislates que postulam para a posteridade.

Com a mesma facilidade com que se passeiam e divertem nas Matas de Cantanhez, disparatam que "**o ecoturismo é uma nova forma de colonização, é uma neocolonização**", que "**as pessoas querem é ter dinheiro para conseguirem na cidade bens de luxo, motas, carros e as expectativas são ter óculos de marca**" como se o Sul tivesse os mesmos interesses que eles julgam que o Norte têm. É a chamada geração rasca de *investigadores*...

Construíram desta forma os cinco pilares da religião do "turismo *científico*":

- o trabalho de terreno do investigador serve apenas para legitimar as teses que formulou a 4.000 km de distância (embora ele nunca deva aceitar dos outros esta crítica), servindo as conversas avulso com os "locais" apenas para confirmá-las, mesmo que se inventem frases ou ditos que nunca foram pronunciados. As vantagens são enormes. Por exemplo, quando se diz que os chimpanzés estão a desaparecer de Cantanhez, está-se a meio caminho de se conseguir, para si, um bom financiamento para a alegada salvaguarda de uma espécie em vias de extinção...

- o início dos estudos deve começar sempre pela elaboração de questionários *critériosamente* concebidos e a sua interpretação estatística. Os quadros e gráficos resultantes do uso de programas estatísticos acabam por

comandar as conclusões não interessando minimamente compreender as lógicas dos diferentes grupos sociais com que se está a trabalhar, o que permite ajudar a disfarçar a sua completa falta de instinto científico.

- é importante apresentar extensas listas de referências bibliográficas, mesmo que não tenham nada a ver com o tema em causa. Impressiona e ajuda a esconder a sua falta de cultura e conhecimento, como foi o caso daquele que, para o estudo da percepção do meio ambiente por parte dos balantas, recorreu a “*Os hippies, quem os conhece?*” e “*Os hippies: nascimento de uma nação*”. Só lá faltou incluir o “*TimTim no Congo*”! Em alternativa, prática igualmente comum, devem citar-se reciprocamente, mesmo quando os trabalhos são plagiados, como é o caso dos sistemas de produção agrícola de Cubucaré, da autoria do antigo Departamento de Pesquisa Agrícola (DEPA) e que agora passa por ser uma descoberta de uma dessas pessoas intelectual e cientificamente desonestas.

- toda a intervenção do exterior é nefasta e vem perturbar e desorganizar os paradisíacos sistemas tradicionais de vida, onde tudo é paz e tranquilidade e onde não existem contradições. As Ong, projectos, etc. (menos eles *investigadores*), porque desconhecedores da realidade sociológica e antropológica local, são fautores de convulsões sociais, económicas e políticas. Todas as inovações propostas e introduzidas são, por isso mesmo, *contra natura*. Perfilham assim teses já há muito abandonadas, manifestando um atraso histórico de dezenas de anos.

- imperativos de consciência obrigam o *investigador* a criar e a agitar bandeiras de tipo *cavaleiro andante*, de denuncia de práticas comuns a todos os africanos e que são a corrupção, o desvio de fundos, a arbitrariedade, a mentira de se fingirem ambientalistas enquanto matam e consomem carne de macaco-cão. Não interessa que não seja verdade, porque este tipo de denúncias cai sempre bem para gáudio de plateias ávidas de folclore e dão um bom *pedigree* ao denunciante.

Depois de aborrecerem e chatearem as pessoas até aos limites (um dos investigadores teve a ingenuidade de reconhecer que “*pareceu-me sentir alguma saturação por parte das populações com que contactei, cansadas de estrangeiros a colocar questões sem que vejam um feedback por parte desses estudos*”), nunca discutem as conclusões nem com elas, nem com os chefes tradicionais, nem sequer com as Ong que os acolhem. Fecham-se em conchas para evitar que sejam contestados os métodos e as conclusões.

E no fim disto tudo, por suporem que o desenvolvimento se faz por decreto, as recomendações são na sua totalidade banais, inócuas, inconsequentes e algumas mesmo hilariantes, mostrando à evidência a apagada e vil tristeza que os possui. Não sendo este o grupo-alvo preferencial do nosso programa de ecoturismo, será interessante passar a enquadrar este turismo dito científico, num percurso ainda mais recreativo e folgazão.

Contudo a AD continua aberta à vinda de estudantes, estagiários e pesquisadores, como fez várias vezes no passado, desde que na base de critérios são e para benefício tanto dos próprios e das suas organizações, como da AD e sobretudo das populações que as acolhem e lhes consagram tempo e atenção.

E

PARCEIROS DA AD

O ano de 2008 foi marcado pelo surgimento de novas parcerias e pela procura com sucesso de uma maior cooperação com organizações dos dois países vizinhos, o Senegal e a Guiné-Conakry. Esta orientação é tanto mais correcta quanto a AD tem como preocupação principal a preservação da sua independência de pensamento e acção. Ter um reduzido leque de parceiros é meio caminho andado para se ficar manietado nas suas escolhas e passar a ser um mero executor de programas e métodos que outros, com maior ou menor pressão, quererão impor.

Segundo os países, a situação das parcerias da AD em 2008 apresentaram-se da seguinte forma:

a) *HOLANDA*



Com a **NOVIB** continuou-se o projecto que se concluirá em Dezembro de 2009, no valor de **277.000 euros**. O sucesso desta cooperação é evidente e estende-se a todo o país, não só pelos resultados e impacto obtidos pelas rádios comunitárias como por ter ousado inovar e acreditado nas potencialidades e papel das televisões comunitárias. Igualmente contribuem de forma marcante para a melhoria do funcionamento interno da nossa organização apoiando as auditorias consolidadas e questionando os nossos métodos de trabalho.

Em Dezembro de 2008 chegou-se ao final do projecto financiado pela **ICCO** durante 3 anos, no valor de **360.000 euros**. O processo de descentralização desta organização que prevê a criação de uma delegação na África Ocidental que ninguém sabe como funcionará na prática, poderá muito provavelmente e como já tínhamos referido no ano passado, vir a penalizar a dinâmica de luta da AD por uma soberania alimentar na Guiné-Bissau, para a qual esta ONG era um apoio determinante.

A **UICN/Holanda**, através do seu Programa de Subvenção para os Ecossistemas (EGP), acordou à AD, em 2008, um financiamento para 2 anos no valor de **70.000 euros**, destinado ao projecto de restauração do ecossistema de mangal degradado para a melhoria dos meios de existência das populações ribeirinhas da Área Protegida de Cacheu. Este projecto terminará em Maio de 2010.

b) *PORTUGAL*

Com o **Instituto Marquês Valle Flor (IMVF)** mantemos uma parceria que se caracteriza por um acompanhamento quase diário dos diferentes projectos em execução e de uma rapidez de resposta notável:

» o **Projecto Uanam**, financiado pela União Europeia por 4 anos no valor de **748.618 euros**, terminará em Dezembro de 2009. O grande resultado obtido foi a nível do ecoturismo com a criação de infraestruturas de acolhimento dos turistas e de um sistema da sua promoção através de postais, cartazes, placares, bonés e t-shirts. Igualmente interveio nos domínios da agricultura, comercialização, saúde e ensino ambiental.

» o **Projecto Konkobai**, financiado pela União Europeia no valor de **496.918 euros**, deveria ter terminado em Dezembro de 2008, mas o atraso na construção do mercado de S.Domingos obrigou ao seu prolongamento até Abril de 2009. Intervindo no quadro da promoção da segurança alimentar, especialmente no sector de Bigene, teve o seu maior sucesso na recuperação de antigas bolanhas salgadas abandonadas na zona de Barro e na introdução, pela primeira vez, de carroças de burro. Igualmente foram instaladas descascadoras de arroz e prensas de óleo e construídos poços de água.

» o **Projecto Woncame**, financiado pela União Europeia no valor de **547.439 euros**, terminará em Dezembro de 2009, após 3 anos de execução no quadro dos programas de segurança alimentar para Cubucaré e Quitafine. O maior sucesso, para além do reaproveitamento das bolanhas salgadas, foi a introdução de pequenas unidades motorizadas de produção de farinha de mandioca que veio potenciar a produção e comercialização desta cultura, assim como diversificar a forma do seu consumo tradicional.

» o **Projecto de Dinamização dos circuitos comerciais no Norte**, surge no seguimento do antigo projecto *Kasumai*, potenciando os resultados por ele obtidos. Com a duração de 4 anos (2009-13), terá o seu início em Fevereiro e dispõe de um financiamento de **650.000 euros**.

» a nossa ONG colaborou em 2008 com os projectos geridos pelo IMVF de apoio à COAJQ em Cacheu e à capacitação das ONG nacionais.



O **Ministério do Trabalho e Segurança Social (MTSS)** prosseguiu o apoio à Escola de Artes e Ofícios de Quelele, no domínio da “*Formação Comunitária e Profissional no bairro de Quelelé*”, com um financiamento de **111.358 euros**, o qual serviu para a construção do novo *Centro de Formação em Hotelaria*, que custou cerca de 56.220 euros. Trata-se da única instituição que financia a EAO. O MTSS apoia também, desde o passado, a Mutualidade de Crédito de Quelele.

A **Fundação Mário Soares** começou uma cooperação com a AD, traduzida no domínio da memória histórica, especialmente a relacionada com a luta pela independência, centrada à volta de Guiledje, incluindo a doação da exposição móvel “Amílcar Cabral”. Igualmente participará na concepção do núcleo museológico de Guiledje, em especial na planta do edifício e no conteúdo do centro de documentação.



A cooperação com a **Escola Superior de Educação de Leiria**, passou este ano por um período de menor dinamismo, o que poderá induzir que se passe de um sistema mais informal de relacionamento para a assinatura de um acordo formal de média duração. As potencialidades desta cooperação nas áreas da formação profissional e do áudio-visual, assim o exigem.



A **Secretaria de Estado da Cooperação Internacional de Portugal**, deu um decisivo contributo financeiro no valor de **20.000 euros** para a realização do Simpósio Internacional de Guiledje, o que permitiu assegurar a participação de historiadores e oradores.

c) BÉLGICA

Com a **Solidarité Socialiste**, iniciou-se um novo projecto de 3 anos, de 2008 a 2011, em colaboração com 3 outras ONG guineenses (Aifa Palop, Adim e Nimba) e integrada numa rede subregional de parcerias com outras ONG dos países vizinhos. Inclui a dinamização associativa, especialmente no sul do país e nos bairros da cidade de Bissau.

d) ITÁLIA

Com a Ong **AIN (Associazione Interpreti Naturalistici)** prosseguiu projecto “ECO-GUINÉ” iniciado em 2007, cujo montante para 2008 foi de **4.413 euros**. A qualidade dos recursos humanos que dão assistência a este programa é excelente, tendo-se traduzido na melhoria da qualidade dos guias ecoturísticos e na diversidade dos percursos naturais identificados.

e) ESPANHA



O **Ayuntamiento de Elx** continuou a sua colaboração a nível de S.Domingos, tendo em 2008 sido recebidos **29.252 euros** para a realização da construção de um hangar multi-usos e a realização de cursos no CENFOR, para o funcionamento da Ludoteca e para o programa de alfabetização pelo método Alfa-tv.

f) ALEMANHA

Com a ONG “**Tabanka**” elaborou-se um projecto no valor de **10.000 euros** destinados à introdução de lâmpadas solares para os pequenos agricultores instalarem nas suas residências e melhorarem o acesso à luz nocturna. Prevê-se em 2009 que o programa inclua a introdução de carregadores de baterias de telemóveis



g) SUIÇA

A **Embaixada da Suíça** concedeu um apoio financeiro de **10.000.000 CFA** para uma actividade de difusão de colmeias para a extracção de mel e de construção de fornos melhorados, suportadas em técnicas de comunicação ambientais.

h) SENEGAL

Uma das estratégias da AD é o de identificar organizações que intervêm no Senegal e muito especialmente na Casamança, para promover intercâmbio de experiências e acções conjuntas de um e outro lado da fronteira. Com a Ong **OCEANIUM** estabeleceu-se uma excelente e muito dinâmica cooperação, muito especialmente pela existência de conceitos e métodos de trabalho similares. O repovoamento do mangal foi a primeira iniciativa, envolvendo a Rede EVA.

i) Organizações Internacionais

A **União Europeia** é o maior parceiro da AD cofinanciando grande parte dos nossos projectos dando uma especial atenção às questões referentes à segurança alimentar, um dos maiores desafios da Guiné-Bissau. Este ano a União Europeia financiou os projectos Uanan, Konkobai, Woncame e irá financiar em 2009 o Kasumai 2. Digno de realce foi o apoio dado para a realização do Simpósio Internacional de Guiledje.



A **UICN** reforçou a colaboração com a AD, em particular na implantação do Parque Nacional de Cantanhez e na procura de parceiros que suportem os programas de carácter mais ambiental. A ela se associou o **IBAP** (Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas) com quem a nossa organização está a implementar acções no quadro dos Parques de Cantanhez e de Cacheu.

Com o **PRCM** () iniciámos uma cooperação no quadro do programa de *Visita de Intercâmbio a Bignona* e da sua restituição às comunidades que são cobertas pelas Escolas de Verificação Ambiental do Norte, cuja contribuição se cifrou em **3.205.000 CFA**.



O **PAM** foi um parceiro activo e pontual no apoio aos projectos de “comida contra trabalho” em especial no aproveitamento dos pequenos vales interiores dos sectores de Cubucaré e Bigene para a produção de batata-doce-, mandioca e feijão mancanha e na recuperação de bolanhas para a orizicultura.

j) Individualidades

Continua a ser uma das maiores forças da AD e um motivo de orgulho poder contar com a colaboração voluntária de pessoas e instituições, nacionais e estrangeiras.

Este ano destacamos:

» todos os que se empenharam em fazer do Simpósio Internacional de Guiledje e da Iniciativa de Guiledje o êxito que foi e promete continuar a ser: o sociólogo **Luís Graça**, coordenador do Blogue “Luís Graça e Camaradas da Guiné” que se empenhou a fundo em envolver todos os ex-militares que viveram Guiledje a contribuir com as suas memórias, documentos e fotografias; o Coronel **Nuno Rubim**, autor do diorama do Quartel de Guiledje, uma excepcional obra de arte que ficará exposta no núcleo museológico que se prevê vir a ser inaugurado em 2009; o capitão **Abílio Delgado** que doou a esse museu seus pertences pessoais de Guiledje que guardou durante mais de 40 anos; **José Carioca**, um dos mais entusiastas dinamizadores da colaboração entre Portugal e a Guiné-Bissau e que, com **Diamantino Figueira**, enviaram para as populações do sul um conjunto de cerca de 50 caixotes com roupa e livros que foram distribuídos pelas crianças; o Professor **Eduardo Costa Dias** que contribuiu igualmente para a realização do Simpósio.

» o cineasta **Flora Gomes**, o músico **Zé Manel**, o Grupo cénico “**Os Fidalgos**” e a Banda musical “**Furkuntunda**” pela contribuição dada especialmente no Simpósio, fazendo valer um dos temas mais procurados da AD: Guiné-Bissau, país de História e de Cultura.

» o realizador **Adrezej Kowalski** e o jornalista **Assimo Baldé** pela sua contribuição determinante para a formação dos jovens quadros das primeiras televisões comunitárias da Guiné-Bissau e em especial os da TVBagunda renovada que passará a emitir em ondas hertzianas no início de 2009.

» O professor belga **Hubert Lelotte**, que continuou a produzir mensalmente o jornal “Partilha”, órgão de formação dos guias ecoturísticos de Cantanhez.

» o Professor **Filipe Santos**, da Escola Superior de Leiria, pela persistência com que nos incentiva a utilizar em todas as vertentes as possibilidades oferecidas pela Internet e mantendo desde o início uma colaboração no site da AD.

Para todos eles, o nosso profundo reconhecimento e a convicção de que o seu engajamento é fonte de coragem para todos quantos trabalham na AD.

Bissau, Janeiro de 2009